

## Evocação de Euclides

---

J. C. ALENCAR ARARIPE

Quase sempre, ao cogitar da projeção cultural de Euclides da Cunha, não posso fugir a evocações um tanto pessoais que me assaltam a memória.

Desde quando tomei conhecimento de que existiu o celebrado escritor? Exatamente, é difícil precisar. E o que importaria, afinal — há de indagar o leitor — essa data no rol das coisas que devemos saber a respeito do fluminense de Cantagalo?

Entre os meus velhos livros de estimação, está a *Antologia Nacional*, de Fausto Barreto e Carlos de Laet, a 17.<sup>a</sup> edição, comprada em 1935, na antiga Livraria e Papelaria Ramiro, do Crato. Custou-me sete mil-réis, o que me parece, para a época, uma exploração... Desculpe-me o Luís Maia, da Renascença, que então trabalhava com o saudoso Ramiro.

A partir da aquisição da *Antologia Nacional*, fiquei em condições de ter o primeiro contato com Euclides da Cunha: um resumo biográfico e *O Sertanejo*.

Só muito mais tarde conheci *Os Sertões*. E quantos, ainda hoje, não o leram ainda, apesar dos esforços que fizeram? Conheço deles que já o tentaram mais de uma vez. Tudo em vão. Não conseguem ir além de algumas páginas.

Para esses, aconselho a minha receita: comecem pela história da campanha de Canudos, propriamente dita. Depois,

virá o interesse bastante para conhecer a terra em que se desenrolaram os sucessos descritos e o homem que neles interveio, o que levará o recalitrante a manusear toda a obra, cuja primeira parte, com exceção de certos capítulos, é desses estudos que a gente lê por obrigação, merecedor do qualificativo de “enfático e exaustivo”, para usar a expressão de um crítico, e ao qual calha bem a observação de “falta de simplicidade”, de José Veríssimo, “simplicidade que não exclui a força e a eloquência, a comoção, e constitui a principal virtude de qualquer estilo”.

Durante anos, Euclides da Cunha, para mim, era apenas *Os Sertões*. E quantos, como eu? Escreveu Gilberto Freire: “Do nome de Euclides da Cunha ninguém sabe separar o do seu maior livro: *Os Sertões*. Mas daí não se deve concluir que Euclides tenha sido um desses autores de obra única e gloriosa, da qual se tornam, pelo resto da vida e depois de mortos, uma espécie de maridos de professora”.

O desconhecimento, hoje em dia, da obra de Euclides, em sua totalidade, por parte das novas gerações, resulta, sobretudo, do fato de os seus livros terem desaparecido das livrarias. São autênticas preciosidades. Nas prateleiras, unicamente *Os Sertões*. Este lhe assegurou, realmente, a consagração dos coevos e da posteridade. Por que olvidar, porém, tantas e tantas páginas, igualmente belas, e que se acham em outras publicações enfeitadas em volumes?

*Canudos* (Diário de uma Expedição) reúne as correspondências que, como enviado de *O Estado de S. Paulo*, remeteu da Bahia sobre os últimos lances da campanha contra o Conselheiro. Apresenta os acontecimentos e analisa-os, de maneira sucinta, como convinha e se impunha a um diário.

Como o seu ensaio sobre a Amazônia — “Terra Sem História” — editado em *À Margem da História* — deixa-nos uma idéia nítida do que seria o *Paraíso Perdido*, por Euclides mesmo anunciado a amigos e que não chegou a ser concretizado. A morte impediu a realização do plano esboçado.

Referindo-se ao relatório da Comissão Brasileira-Peruana de Reconhecimento do Alto Purus, elaborado após viagens e averiguações que demandaram meses e que precedeu *Terra*

*Sem História*, disse Afrânio Peixoto: “Esta expedição, se fora contada, daria a *Os Sertões* uma parêntese na intensidade da descritiva, na intrepidez da acusação. Guardo ainda os acentos épicos do que lhe ouvi... Testemunhos singelos confirmaram-me que aquela epopéia obscura e destinada ao esquecimento não era ficção de mente encandecida.”

À *Margem da História*, além do capítulo sobre a Amazônia, encerra outros estudos sérios de interpretação política, social e econômica. Euclides não navegava na superfície... Em todas as suas construções literárias, revelava-se sempre o perscrutador profundo, o analista racional. Havendo presenciado “manifestações tremendas de perversidade humana”, como salientou Araripe Júnior, “os acontecimentos expungiram o seu espírito dessa vagabundagem estética, que é a sarna da literatura dos sevandijas”. Teve acrisolados “os estigmas literários”.

*Contrastes e Confrontos* foi apelidado por Araripe Júnior de “livro de fragmentos”. Com efeito, trata-se da reunião de artigos esparsos, sobre assuntos diversos, mas ao qual o crítico cearense não faltou com o seu aplauso caloroso, irrestrito. “Não sei o que mais admire, se o estilo, se a filosofia do ensaísta, se a intuição poética do engenheiro que se dedica ao desbravamento das questões mais difíceis que conheço.”

Discordo inteiramente da opinião de R. Magalhães Júnior, expressa em reportagem literária na revista *Manchete*, ao enjeo do centenário de Euclides da Cunha. *Contrastes e Confrontos* não é um “livro decepcionante”.

Evidente que não há termos de comparação. Uma coletânea de artigos, como *Contrastes e Confrontos*, não suporta cotejo com *Os Sertões*, que é um monumento. Mas, no gênero, está entre os melhores.

Ainda Araripe Júnior observou que Euclides da Cunha “não é o caso de transcrever; é de ler”. Logo em seguida, porém, encaixa no seu artigo toda aquela página incisiva em que traça o retrato do kaiser Guilherme II. Embora seja da mesma opinião do crítico — Euclides é de ler — não me furto, também, ao prazer de uma transcrição.

O *Marechal de Ferro* é algo digno de conhecer-se. Vejamos ao menos este trecho:

“O herói que foi um enigma para os seus contemporâneos, pela circunstância claríssima de ser um excêntrico entre eles, será para a posteridade um problema insolúvel pela inópia completa de atos que justifiquem tão elevado renome. É um dos raros casos de grande homem que não subiu, pelo condensar no âmbito estreito da vida pessoal as energias dispersas de um povo. Na nossa translação acelerada para o novo regime, ele não foi uma resultante de forças, foi uma componente nova e inesperada que torceu por algum tempo os nossos destinos.

“Assim considerado, é expressivo. Traduz de modo admirável, ao invés da sua robustez, a nossa fraqueza.

“O seu valor absoluto e individual reflete na história a anomalia algébrica das quantidades negativas: cresceu, prodigiosamente, à medida que prodigiosamente diminuiu a energia nacional. Subiu, sem se elevar — porque se lhe operara em torno uma depressão profunda. Destacou-se à frente de um país, sem avançar — porque era o Brasil quem recuava, abandonando o traçado superior das suas tradições. . .

“Diante da sua figura insolúvel e dúbia, os revolucionários apreensivos traçavam na tarde de 14 de novembro o ponto de interrogação das dúvidas mais cruéis, e ao meio-dia de 15 de novembro os pontos de admiração dos máximos entusiasmos. Não se conhece transformação, ao mesmo passo, tão repentina e tão explicável”.

Não escapo à sugestão de “Um Velho Problema”. Porque nesse artigo Euclides expõe um pouco de suas idéias políticas.

“A exploração capitalista — escreveu — é assombrosamente clara, colocando o trabalhador num nível inferior ao da máquina.

“De fato, esta, na permanente passividade da matéria, é conservada pelo dono: impõe-lhe constantes resguardos no trazê-la íntegra e brunida, corrigindo-lhe os desarranjos; e quando morre — digamos assim — fulminada pela pletora da força de uma explosão, ou debilitada pelas vibrações que lhe granulam a musculatura de ferro, origina a mágoa real de

um desfalque, a tristeza de um decrescimento da fortuna, o luto inconsolável de um dano. Ao passo que o operário, adstrito a salários escassos demais à sua subsistência, é a máquina que se conserva por si, e mal; as suas dores recalca-as forçadamente estóica; as suas moléstias, que, por uma cruel ironia, crescem com o desenvolvimento industrial — o fosforismo, o saturnismo, o hidragirismo, o oxicarbonismo — cura-as como pode; e quando morre, afinal, às vezes subitamente triturado nas engrenagens da sua sinistra sócia mais bem aquinhoadada, ou lentamente — esverdinhado pelos sais de cobre e de zinco, parálitico delirante pelo chumbo, inchado pelos compostos do mercúrio, asfixiado pelo óxido carbônico, ulcerado pelos cáusticos dos pós arsenicais, devastado pela terrível embriaguez petrólica ou fulminado por um “coup de plomb” — quando se extingue, ninguém lhe dá pela falta na grande massa anônima e taciturna, que enxurra todas as manhãs, à porta das oficinas.

“Neste confronto se expõe a pecaminosa injustiça que o egoísmo capitalista agrava, não permitindo, mercê do salário insuficiente, que se conserve tão bem como os seus aparelhos metálicos, os seus aparelhos de músculos e nervos; e está em grande parte a justificativa dos socialistas no chegarem todos ao duplo princípio fundamental: socialização dos meios de produção e circulação. Posse individual somente dos objetos de uso.”

Entende Gilberto Freire que se Euclides fosse homem de trinta anos, diante dos problemas do Brasil de hoje, estaria entre os chamados escritores da esquerda. Seria mais razoável enquadrá-lo entre os democratas que advogam inadiáveis reformas sociais e econômicas para uma melhor e mais humana distribuição da riqueza.

A evolução incoercível das idéias econômicas e sociais e as conquistas assinaladas ao correr dos anos mudaram a fisionomia do mundo, abrindo-nos a perspectiva de transformações que não mais se regem pelo anacronismo marxista, desfigurado até pelos que dizem professá-lo na teoria, mas que não conseguem executá-lo, na prática. Outros caminhos des-

vendam-se ao homem moderno. E a eles não seria indiferente a mentalidade arejada do autor de *Os Sertões*.

Euclides distinguiu-se pelo equilíbrio do raciocínio e pela independência das atitudes. O sectarismo ideológico não se abrigava em seu espírito. Tanto que discordou de procedimentos republicanos e reformulou conceitos que não se conformavam com a verdade afinal descoberta.

Para um ardoroso adversário do trono, fazem-lhe honra as páginas de interpretação histórica “Da Independência à República”. Assim de relance, evocaria o elogio franco ao papel desempenhado por dom João VI no desenvolvimento do Brasil e a justificativa da guerra contra a tirania de Solano Lopez. E as suas primeiras manifestações sobre Canudos correspondem, por acaso, ao pronunciamento amadurecido de *Os Sertões*?

Invoco, por fim, a visão profética de Euclides. Transborda de entusiasmo ante a energia incalculável dos catadupas — e *À Margem da História* o atesta — celebra Urubupungá e outras quedas e confirma os vaticínios de que as regiões, assim excepcionalmente beneficiadas, serão, no porvir, os mais importantes centros industriais da América do Sul.

E na conferência que proferiu, subordinada ao título “Castro Alves e Seu Tempo”, está a previsão do que aconteceria meio século depois no Nordeste desolado:

“A Cachoeira de Paulo Afonso em breve terá a sua potência formidável aritmeticamente reduzida a não sei quantos milhares de cavalos-vapor; e se transformará em luz, para aclarar as cidades; em movimento, abreviando as distâncias, avizinando os povos e acordando o deserto com os silvos das locomotivas; em fluxo vital, para os territórios renascidos, transfundindo-se na inervação vibrátil dos telégrafos; em força inteligente, fazendo descansar um pouco mais o braço proletário; e fazendo-nos sentir o espetáculo de uma mecânica ideal, de efeitos a se estenderem pelos mais íntimos recessos da sociedade, no másculo lirismo da humanização de uma cega energia da natureza . . .”

Paulo Afonso demorou, mas aí se encontra. Cumpre a sua missão redentora. A luz e a energia da decantada cachoeira enchem de vibrações e esperanças o cenário nordestino.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CUNHA, Euclides da. *À Margem da história*. 5. ed. Porto, Liv. Bello & Irmão, 1941. 328 p.
- \_\_\_\_\_. *Contrastes e confrontos*. 6. ed. Porto, Liv. Chardrou, 1923. 300 p.
- \_\_\_\_\_. *Canudos; diário de uma expedição*. Rio de Janeiro, Liv. José Olympio, 1939. 186 p.
- \_\_\_\_\_. *Os Sertões; campanha de Canudos*. 22. ed. Rio de Janeiro, Liv. Francisco Alves, 1952. 554 p.
- BARRETO, Fausto e LAET, Carlos de. *Anthologia nacional*. Do 20.º ao 16.º século. 17. ed. Rio de Janeiro, Liv. Francisco Alves, 1931. p. 138-142.